

**PRAÇAS COMO ESPAÇOS PARA SAÚDE: O CASO DA PRAÇA NISHINOMIYA (LONDRINA-PARANÁ)****SQUARES AS HEALTHY SPACES: THE CASE OF NISHINOMIYA SQUARE (LONDRINA-PARANÁ)**

**Lucas Fernando Bertacco da Silva**  
Universidade Estadual de Londrina  
[lucas\\_bertacco@hotmail.com](mailto:lucas_bertacco@hotmail.com)

**Marcia Siqueira de Carvalho**  
Universidade Estadual de Londrina  
[marcar@uel.br](mailto:marcar@uel.br)

**RESUMO**

As praças brasileiras passaram por algumas transformações no decorrer dos anos, deixando de ser apenas um espaço de socialização ou transitório, passando a ser um espaço com equipamentos para o lazer, atividades físicas, de recreação infantil e com áreas verdes. Nesse sentido, a pesquisa teve por objetivo avaliar e analisar a Praça Nishinomiya como um espaço livre e público que uma parcela da população londrinense utiliza em busca do lazer e melhoria nas condições de saúde por meio da infraestrutura existente. Para alcançar o objetivo proposto foi utilizada a metodologia indicada por De Angelis (2000) que sugere o uso de dois formulários semiestruturados para uma avaliação qualiquantitativa da praça, assim como a aplicação de questionários com os usuários mediante o método a esmo ou sem norma por não ser possível classificar o universo da pesquisa. Os resultados apontaram para a multifuncionalidade da praça como algo positivo no cotidiano de muitos cidadãos, moradores próximos ao seu entorno ou de outros bairros da cidade. Estes, apesar da distância, se deslocam até ela, principalmente para a prática de exercícios físicos visando a melhoria na qualidade de vida. Apesar da importância desse tipo de espaço público dentro da cidade, não há nenhum serviço de saúde que o utiliza em suas ações de prevenção à saúde. Destaque-se que não foi observada manutenção regular na sua infraestrutura, resultando em uma baixa caminhabilidade<sup>2</sup> devido à precariedade de suas calçadas.

**Palavras chave:** Praças. Praça Nishinomiya. Geografia da Saúde. Londrina.

**ABSTRACT**

Brazilians square underwent some transformations over the last years, no longer being just a socialization space or a transient one, becoming a space with equipment for leisure, physical activities, children's playground and green areas. In this sense, the research aimed to evaluate and analyze The Nishinomiya Square as a free and public space, in which a portion of Londrina population uses it in pursuit of leisure and improvement in health conditions through its existing infrastructure. In order to achieve the proposed objective, we used the methodology described by De Angelis (2000) who suggests the use of two semi-

---

Recebido em: 11/09/2017

Aceito para publicação em: 13/11/2017

<sup>2</sup> Entende-se caminhabilidade como uma qualidade do lugar; o caminho que permite ao pedestre uma boa acessibilidade às diferentes partes da cidade, garantido às crianças, aos idosos, às pessoas com dificuldades de locomoção e a todos. (GHIDINI, 2011, p. 22).

structured forms for a quali-quantitative assessment of the square, as well as the application of questionnaires for its users, using random or without standard method due to the impossibility to classify the research universe. The results pointed to a multifunctional square as something positive in the daily lives of many citizens, either its surroundings or other places in town that despite the distance they move to it, mainly for practical exercises aiming to an improve in the quality of life. And even with the importance of this type of public space within the city, so there is no health service that uses it in its prevention. Stand out, doesn't happen a regular maintenance on the square infrastructure, resulting in a low walkability due to precariousness of its sidewalks.

**Key works:** Squares. Nishinomiya Square. Health Geography. Londrina.

## INTRODUÇÃO

O termo espaço público vem sendo utilizado, pelo menos, há mais de quarenta anos por diversas áreas da ciência e em vários contextos, gerando discussões e críticas a respeito do seu significado. Na base dessa discussão a respeito do conceito “espaço público” está a compreensão desse tipo de espaço como algo concreto, dando referência às áreas físicas – praças, bosques e campos. Outra interpretação faz menção a um espaço democrático e político (GOMES, 2012).

Cada uma dessas abordagens é discutida por uma área de estudo diferente. Os cientistas políticos, por exemplo, se propõem a trabalhar com esses espaços de maneira abstrata. Os planejadores e urbanistas não costumam realizar essa discussão política a respeito do termo, o que dificulta esse diálogo entre esses pesquisadores (GOMES, 2012).

Gomes (2012) assevera que uma leitura propriamente geográfica a respeito do espaço público requer a necessidade de construir o diálogo entre essas duas perspectivas: a concreta e abstrata, já que a Geografia vem provando cada vez com mais clareza sua concepção a respeito do espaço geográfico. Como afirma Santos (2014, p. 103), ele uma forma-conteúdo, “pois une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social”, fazendo com que haja uma interação da disposição física dos objetos com as ações sociais.

É nesse sentido que esse artigo se direcionou, ao analisar e avaliar a Praça Nishinomiya como um espaço livre e público onde uma parcela da população londrinense o utiliza em busca do lazer e melhoria nas condições de saúde por meio de caminhadas, práticas de esportes e exercícios, por exemplo.

Segundo Calsavara (2013) a Secretaria Municipal de Defesa Social, no ano de 2013 constatou que uma grande parcela dos espaços públicos distribuídos pela cidade Londrina (PR) muitas vezes carece de manutenção e de segurança para que as pessoas possam utilizá-los.

Dentro dos diversos tipos de espaços urbanos, livres e públicos, esse artigo dá ênfase à praça, definida por Viero e Barbosa Filho (2009) como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que ofereça socialização, convivência e recreação para os usuários. É importante reconhecer, como destaca Corneli (2013), que a praça não é apenas uma estrutura física, mas também um espaço destinado e ocupado pelas pessoas para usos e funções diversas.

A Praça Nishinomiya é um projeto do arquiteto londrinense Humberto Yamaki, inaugurada no dia 02 de fevereiro de 1988, que se inspirou nos Jardins de Pedra Zen localizados na cidade de Kyoto no Japão. O projeto da praça teve por objetivo ir além da homenagem aos imigrantes japoneses, promovendo atividades que permitam interações culturais entre ambas as culturas orientais e ocidentais (WIKIMAPIA, 2015).

A justificativa pela escolha do local se deu pelo fato de existir espaços urbanos público e áreas verdes localizados em Londrina (PR) com maior visibilidade, como por exemplo, Igapó I, Igapó II e Zerão. Eles já foram estudados por Martins (2011, 2013) e Bortolo (2010, 2013, 2015) em outros contextos. Entretanto, esses locais com maior destaque também são vistos como as áreas

mais propícias para a prática de exercícios físicos e lazer. Mas existem outros espaços que a população elegeu para essas práticas, pois como constatou Bortolo (2015, p. 201), boa parte da população busca os espaços mais próximos de suas residências. A Praça Nishinomiya é um desses espaços frequentada por um número considerável de pessoas e não possui nenhum estudo a respeito.

Qual seria a relevância de se pensar os espaços públicos de lazer como lugares importantes para a qualidade de vida das populações?

Na perspectiva da Epidemiologia, qualidade de vida foi definida como sensação íntima de conforto, bem-estar ou felicidade no desempenho de funções físicas, intelectuais e psíquicas dentro da realidade da sua família, do seu trabalho e dos valores da comunidade à qual pertence (NOBRE, 1995, p. 299).

Habitualmente são avaliadas cerca de seis a oito dimensões que compreendem a mobilidade física, o repouso, as funções cognitivas, a satisfação sexual, o comunicar-se, o alimentar-se, a reserva energética, a presença de dor, o comportamento emocional, as atividades recreativas (grifo nosso), as atividades de trabalho, as atividades domésticas e os relacionamentos sociais (NOBRE, 1995, p. 299).

A discussão desses espaços como lugares para ter melhores condições de vida se justifica porque em 2015 as doenças do aparelho circulatório foram responsáveis por 25,5% das causas de morte no município de Londrina e 7,4% por doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas<sup>3</sup> (LONDRINA, 2015).

Portanto, se a qualidade de vida da população está vinculada com uma vida não sedentária, de acordo com literatura estudada, ela aponta para o uso desses espaços para a prática de exercícios, assim como o lazer. Esses espaços teriam elementos do mobiliário urbano propícios para serem utilizadas com essas finalidade? Há estratégias por parte dos serviços de saúde para a população usar esses lugares? E além das características do mobiliário urbano, esses locais estão de fato adequados nos quesitos de segurança, manutenção e conservação como afirmam Ricardo, Siqueira e Marques (2013, p. 201)?

As ruas, calçadas, largos, parques e praças são lugares onde ocorrem os contatos interpessoais e as manifestações coletivas. Quando a sensação de insegurança cresce, essa relação diminui, modificando a dinâmica do coletivo urbano. Cada vez mais a vida nas cidades está limitada a áreas confinadas, como os condomínios fechados, demarcadas com muros e cercas, afastando as pessoas dos espaços públicos e, conseqüentemente, da convivência coletiva. Tal isolamento segrega e impede que essa convivência seja estimulada e fortalecida.

A importância dos espaços públicos é destacada em algumas políticas públicas de saúde no desenvolvimento das ações da Promoção da Saúde para melhorar, valorizar e utilizar o uso dos espaços públicos de convivência e de produção de saúde (BRASIL, 2010; BRASIL, 1986). Porém, como apontam alguns estudos, se esses locais desfrutam de pouca ou nula manutenção a sensação de insegurança aumenta provocando a perda da relação população e espaço público, criando uma marginalização desses locais. Como exemplo está, o estudo de Oliveira e Mascaró (2007) que mediram a intensidade do uso dos espaços públicos com as condições de manutenção e de conservação.

Faz-se importante, portanto, uma discussão sobre as praças na perspectiva da Geografia com ênfase na da Geografia da Saúde, pois nessa temática entende-se que a relação entre espaço e saúde é característica e condição do ambiente, concebido como um sistema (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014). As praças são espaços de socialização nas cidades e de acesso livre e gratuito. Assim como Bortolo (2015), que buscou em sua tese desfazer a ideia de que os espaços públicos na atualidade são encarados como espaços sem importância, da violência e abandono, quando eles estão se revelando dinâmicos, multifuncionais e importantes no espaço urbano das cidades brasileiras.

<sup>3</sup> Segundo grupos de causas (Cap CID10), por residência em Londrina, 2015.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Após o levantamento teórico a respeito dos espaços públicos priorizando as praças foi identificado o contexto das praças nas pequenas e médias cidades. Ele mostrou, como acontece em Londrina (PR), que elas vêm sendo utilizadas por uma parte da população como um espaço favorável para o lazer e práticas de exercícios físicos, apesar do pouco ou nenhum incentivo do poder público e das políticas de saúde. Nesse contexto, e apesar dele, ainda seria importante a participação das pessoas no uso mais frequente desses espaços para uma melhoria de suas condições de saúde e, conseqüentemente, de vida.

Buscou-se também compreender quais as principais patologias e causas de morte da população da cidade através da identificação do perfil de morbimortalidades londrinenses para verificar a importância do incentivo ao uso desses espaços para a saúde.

Definida a Praça Nishinomiya entre os espaços urbanos de livre acesso na cidade de Londrina, a pesquisa focou como ela vem sendo utilizada e por quem. Para tal foram elaborados e aplicados questionários entre os usuários (as) da praça, como instrumento de pesquisa qualitativa, avaliando e indagando as seguintes variáveis: idade, sexo, grau de escolaridade, profissão, se o usuário se sente saudável, a frequência que utiliza a praça, as principais utilizações, a importância desse espaço, a contemplação nos quesitos segurança, acessibilidade, manutenção e conservação, se algo poderia e/ou deveria ser melhorado na praça, e por último, a respeito de seus hábitos alimentares.

Na etapa de aplicação dos questionários foi utilizado o método de amostragem a esmo ou sem norma (COSTA NETO, 1977, p. 44), que é pautado na amostragem em que o pesquisador para simplificar o processo de aplicação dos questionários procura ser aleatório, sem, no entanto, efetuar cálculos utilizando algum dispositivo aleatório confiável<sup>4</sup>. Essa escolha se fez também por não se ter precisão no número de pessoas que realmente a utilizam. Mesmo que se utilizasse o número total da população da cidade de Londrina não se poderia considerar esse dado como universo da pesquisa, pois não poderia enquadrar todos como usuários da praça. Também não poderíamos considerar como o universo de usuários e trabalhar com dados por setor censitário do entorno da praça porque ela é frequentada por pessoas de outros bairros da cidade.

Foram entrevistados 50 usuários da praça, sendo 22 mulheres e 28 homens. A aplicação do questionário ocorreu em quatro dias durante a semana, entre os horários que, por meio da observação, acontece mais intensamente o uso do espaço, das 17h00min e 18h30min, e um dia ao final de semana no período da manhã entre as 08h00min e 10h00min. Nesses cinco dias frequentando a praça apenas quatro foram para a aplicação de questionários, pois no primeiro dia foram feitas entrevistas como pré-teste, com objetivo de analisar se as perguntas dos questionários eram pertinentes e se era necessária alguma alteração.

Como complemento a essa avaliação dos usuários foi feito um levantamento qualiquantitativo – por ser um método que demonstra uma explicação mais ampla do tema estudado – de equipamentos e mobiliário na Praça Nishinomiya, fazendo o uso da metodologia proposta por De Angelis (2000)<sup>5</sup>, que indica o uso de dois formulários semiestruturados. A importância de quantificar os elementos presentes na praça e avaliá-los está ligada diretamente ao uso dos equipamentos. Por exemplo, se a iluminação for precária, ao anoitecer aumenta a sensação de insegurança entre os usuários, sendo esse um dos fatores que implica na utilização dos espaços.

O primeiro formulário de caráter quantitativo registrou o nome da praça, a localização e algumas características como a sua forma (quadrangular, circular, retangular, triangular ou outra), a área ocupada (m<sup>2</sup>), a tipologia (significação simbólica, significação visual, circulação ou recreação), o entorno (comercial, residencial ou misto) e outros vinte e dois itens do equipamento e/ou mobiliário urbano que foram verificados se estão presentes na praça e suas quantidades (Quadro 1).

Já o segundo formulário conteve vinte e três itens e teve por objetivo avaliar e analisar a qualidade e estado de conservação das estruturas presentes na praça. Foram usados quatro classificações para a avaliação: (P) péssimo, (R) regular, (B) bom e (O) ótimo. No qual variam em uma escala de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro) definindo-se: 0 —| 1,0 ↔ péssimo; 1,0 —| 2,0 ↔ regular; 2,0 —| 3,0 ↔ bom; 3,0

<sup>4</sup> Os resultados da amostragem a esmo são, em geral, equivalentes aos de uma amostragem probabilística se a população é homogênea e se não existe a possibilidade de o amostrador ser inconscientemente influenciado por alguma característica dos elementos da população (COSTA NETO, 1977, p.44).

<sup>5</sup> Foi utilizada a metodologia proposta por De Angelis (2000), porém com algumas adaptações por conter alguns itens, por exemplo, espécies da vegetação que não são julgadas como relevantes para o objetivo da pesquisa.

— 4,0 ↔ ótimo. Após a avaliação qualitativa da praça, foi calculada a média aritmética simples permitindo classificá-la nos diferentes estados de conservação.

De Angelis (2000) estabeleceu critérios que devem regularizar a avaliação feita sobre cada um dos itens destacados no segundo formulário, como podemos ver no Quadro 1:

Quadro 1 - Itens avaliados na Praça Nishinomiya

Bancos	Estado de conservação; material empregado em sua confecção; conforto; locação ao longo dos caminhos - se recuados ou não; distribuição espacial - se em áreas sombreadas ou não; desenho; quantidade; distanciamento.
Iluminação alta	Em função da copa das árvores; tipo - poste, super poste, baliza, holofote; localização; conservação; atendimento ao objetivo precípua.
Lixeiras	Tipo; quantidade; localização; funcionalidade; material empregado; conservação; distanciamento.
Sanitários	Condições de uso; conservação; quantidade.
Telefone público	Localização - na praça, próximo ou distante de; conservação.
Bebedouros	Tipo; quantidade; condições de uso; conservação
Piso	Material empregado; funcionalidade e segurança; conservação.
Traçado dos caminhos	Funcionalidade; largura; manutenção; desenho.
Obras de arte (monumento, estátua, busto)	Significância da obra de arte; conservação; inserção no conjunto da praça.
Espelho d'água/chafariz	Em funcionamento; se inserido ou não no contexto da praça; conservação.
Estacionamento	Conservação; sombreamento; segurança.
Ponto de ônibus e de táxi	Se na praça, próximo ou distante de; presença ou não de abrigo; conservação.
Quadra esportiva	Quantidade; conservação; material empregado; com iluminação; cercada.
Equipamentos para a prática de exercícios físicos	Tipo e quantidade; material empregado; conservação.
Estrutura para a terceira idade	Estruturas existentes; conservação.
Parque Infantil	Brinquedos que o compõem; material empregado e cor; se em área reservada e protegida; conservação.
Quiosque para alimentação e/ou similar	Tipo - trailer, carrinho, construção em alvenaria,... -; higiene; estética; localização.
Segurança	Em função da localização, frequência de pessoas, policiamento e conservação.
Conservação	Estado geral da praça - equipamentos, estruturas, varrição, limpeza.
Localização	Se próximo ou distante de centros habitados; facilidade de acesso.

Fonte: De Angelis, B. L. D., 2000.

Organização: "O Autor", 2016.

## ESPAÇO PÚBLICO

Assim como analisa Bortolo (2015) o espaço público é uma parte integrante e constituinte da existência da história, da política e da vida social nas cidades, e pode-se considerá-lo como fruto do entrelaçamento de várias dimensões como econômicas, políticas, culturais e sociais.

O mesmo autor argumenta que o espaço público atualmente vem sendo discutido em diversas áreas, tanto por geógrafos, quanto por arquitetos, sociólogos e antropólogos, por exemplo. Esses estudos

abordam o espaço público desde a história antiga e suas funções na sociedade e até mesmo às transformações sofridas ao decorrer dos tempos. Serpa (2014), diz que “discutir o espaço público na cidade contemporânea, consiste, antes de tudo, em um desafio, não só para geografia, mas também para todas as ciências e filosofias que se pretendem políticas e ativas” (SERPA, 2014, p.9).

Entretanto, essa pesquisa parte da constatação de bibliografias que apontam o espaço público sendo ainda um elemento fundamental da cidade, a partir dos seus diferentes usos e apropriações, em que destacaram o uso frequente de alguns espaços públicos em Londrina-PR, para o lazer e, principalmente, para a prática de exercícios físicos. Essas pesquisas também se mostram contrários aos outros estudos que argumentam a perda da importância dos espaços públicos em algumas cidades, mais especificamente nas grandes cidades.

O trabalho de Macedo et al (2009, p. 17) analisou espaços públicos contemporâneos nas cidades de diversos portes de todas as regiões do país e constatou que:

Os espaços livres urbanos não são planejados como um sistema de cunho amplamente público, dessa forma, alguns deles são pouco interligados e pouco acessíveis fisicamente à população em geral; há precariedade de projetos, da qualidade paisagística urbana (exceções Campo Grande e Palmas) e despreparo das equipes técnicas à execução dos projetos. Identificamos, em todas as capitais, a concentração em certos bairros de espaços livres tratados; as variações significativas na manutenção dos espaços livres em função das mudanças da gestão pública; a “adoção” (manutenção ou mesmo construção) de espaços livres públicos por parte de empresas privadas que os direcionam a usuários padrão.

Os campos de futebol, com medidas oficiais ou não, foram os espaços livres urbanos menos cuidados pelo poder público municipal e que tiveram maior utilização pelos jovens nas cidades de todas as capitais analisadas (MACEDO et al, 2009). Porém, essas conclusões restringiram-se às grandes cidades<sup>6</sup>. A pesquisa (MACEDO et al, 2009) mostrou que mesmo com a difusão da utilização do automóvel e dos shopping centers – como marca de lazer coletivo da população – não coibiu a utilização desses espaços públicos, ao contrário de outros estudos que argumentam sobre a perda de importância deles em algumas das grandes cidades brasileiras.

Bortolo (2015) assevera que a questão do acesso democrático ao espaço público, uma rua, um parque, um edifício, um bosque e uma praça, sempre foi motivo para debates, por conter diversas configurações, finalidades e funções. Por isso ele desempenha um papel importante na cidade desde a sua função simbólica e histórica e são, por excelência, espaços privilegiados de encontro, convívio, lazer e com potenciais para a prática de exercícios físicos.

## **PRAÇAS: CONCEITOS E USOS**

O compor As praças são importantes elementos compositivos da cidade, perante a noção de espaço social de uso coletivo. Foi adotada a definição ampla de ser qualquer espaço público urbano, livre de edificações que oferta socialização, convivência e recreação para os usuários (Viero e Barbosa Filho, 2009).

Desde a “Antiguidade as cidades se formavam a partir dos seus espaços de convivência” (CALDEIRA, 2007, p. 3), época em que o exercício de cidadão acontecia nesses espaços ao compartilhar os eventos e participar da vida pública. A praça com seus diversos significados – tanto funcionais quanto morfológicos – representava o espaço de maior vitalidade urbana, e essa posição alcançada ainda se faz presente nos dias atuais. A mesma autora afirma que “embora apresentem transformações significativas, as praças representam verdadeiros nós de confluência social e são espaços essenciais ao cotidiano da cidade” (CALDEIRA, 2007, p. 4). Sendo assim, as praças representam espaços de sociabilidade próspera ao convívio, encontro e outros acontecimentos coletivos. Dentre toda essa diversidade a praça aparece como um lugar privilegiado da cidade, pois contém um caráter de espaço multifuncional (CALDEIRA, 2007).

No Brasil, inicialmente as praças existiram nas aldeias e assentamento indígenas, e nas vilas e cidades criadas. Porém, a partir do processo de colonização essas duas formas passaram a se entrelaçar (CALDEIRA, 2007). Essas primeiras praças no período Colonial surgiram relacionadas à Igreja Católica. Robba e Macedo (2002 apud Ribeiro, 2010, p. 2) explicam que em geral era consentido um pedaço de terra à Igreja, “no centro da área era construída a capela e seu adro,

<sup>6</sup> São Paulo (SP), Campo Grande (MT), Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), Vitória (ES), Curitiba (PR), Maceió (AL), Recife (PE) e Palmas (TO).

enquanto as áreas ao redor eram destinadas ao cemitério e ao rossio<sup>7</sup>. Era no adro<sup>7</sup> – que se localizava em frente à igreja – que acontecia o acesso da comunidade ao templo e a saída das procissões. Nessa época o adro (praça) era o principal espaço de lazer das pessoas já que as festas e as recreações religiosas aconteciam nesse espaço.

Data do período Imperial a praça-jardim, espaço público, porém contendo um público específico como afirma Ribeiro (2010). Nessas praças havia uma incorporação dos jardins públicos e eram frequentadas pelas classes mais ricas que a usavam como forma de serem vistos, sendo assim, usufruíam de suas melhores roupas para passeio, além de estabelecerem de forma rígida normas de condutas e comportamentos (RIBEIRO, 2010). Freire (2012) diz que as praças recebiam tratamento de jardim de acordo com os ideais do urbanismo higienista e tecnicista que tinha como objetivo transformar as paisagens das cidades buscando assemelhar com os grandes centros europeus. No qual a mesma autora assevera que é nesse processo de modernização das cidades – que acontece ao decorrer do século XIX – que determinadas características espaciais da praça tradicional brasileira se rompem.

Durante a década de 1940, Ribeiro (2010) afirma que as praças se transformaram a partir de uma influência modernista da Carta de Atenas (IPHAN, 1933)<sup>8</sup>. Nesse sentido, as praças foram pensadas não mais como espaço transitório, mas sim para a permanência a partir do lazer com atividades físicas, com quadras esportivas e áreas de recreação infantil, por exemplo. Com uma nova configuração, dispondo de espaços mais amplos e embelezados com áreas verdes, Caldeira (2007) destaca que a praça passa a ser vista como um espaço de passeio, lazer e ócio. A partir dessa transformação a praça passa, portanto, a ser confundida por alguns autores com as áreas verdes públicas, em que Benini e Martin (2010, p. 77) conceituam essas áreas verdes como:

[...] todo espaço livre (área verde/lazer) que foi afetado como de uso comum e que apresente algum tipo de vegetação (espontânea ou plantada), que possa contribuir em termos ambientais (fotossíntese, evapotranspiração, sombreamento, permeabilidade, conservação da biodiversidade e mitigue os efeitos da poluição sonora e atmosférica) e que também seja utilizado com objetivos sociais, ecológicos, científicos ou culturais.

O uso do conceito dessas autoras permite uma visão mais concreta do que é uma área verde pública, evitando a utilização errônea de outras interpretações que acontecem em determinados estudos que consideram como áreas verdes públicas “os elementos do sistema viário (os passeios públicos com arborização, os canteiros centrais e rotatórias), logradouros públicos (praças com fins religiosos, cívicos e culturais), cemitérios verdes, entre outros” (BENINI; MARTIN, 2010, 77). Para ser enquadrada como uma área verde torna-se necessária uma série de características que Benini e Martin (2010) elencam em seu trabalho, no qual excluem as praças de acordo com o Artigo 17, da Lei 6.766/79 da categoria áreas verdes.

No final do século XX as praças e outros espaços públicos de lazer, principalmente nas grandes cidades, passam por uma série de problemas urbanos concomitante ao surgimento de outras formas de lazer (RIBEIRO, 2010). Corneli (2013) e Freire (2012) dizem que os estudos contemporâneos da dinâmica dos espaços públicos mostram um distanciamento das pessoas em relação a esses espaços e apontam uma perda da função social das praças perante as outras formas de lazer e de espaços de sociabilização. Citam como exemplo os shoppings centers. Outra justificativa do distanciamento levantado por seria a falta de políticas públicas continuadas para a manutenção e conservação desses lugares (Corneli 2013), assim como a falta de manutenção e a insegurança estão diretamente ligadas ao uso dos espaços públicos (Oliveira e Mascaró, 2007). Sendo assim, “a intensidade de uso dos espaços públicos está diretamente ligada às condições de manutenção e de conservação, assim como da qualidade espacial em relação aos equipamentos e mobiliários urbanos existentes” (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007. p. 68).

<sup>7</sup> Terreno ou largo bastante espaçoso; grande praça. Terreno que era roçado ou fruído, em comum pelo povo. Logradouro público. Lugar espaçoso; terreiro; praça larga.

<sup>8</sup> Um dos apontamentos da Carta de Atenas - “deve ser estabelecido um programa de entretenimento abrangendo atividades de todo tipo: o passeio, solitário ou coletivo, em meio à beleza dos lugares; os esportes de toda natureza: tênis, basquete, futebol, natação, atletismo; os espetáculos, concertos, teatros ao ar livre, jogos de quadra e torneios diversos. Enfim, são previstos equipamentos preciosos: meios de transporte que demandem uma organização racional; locais para alojamento, hotéis, albergues ou acampamentos e, enfim, não menos importante, um abastecimento de água potável e víveres, que deverá ser cuidadosamente assegurado em toda parte” (IPHAN, 1933, p. 17-18).

Bortolo (2015, p.1) analisou diferentes formas de usos e apropriações estabelecidas na dinâmica de produção do espaço público de lazer, das cidades de Londrina, Cambé, Rolândia, Ibiporã e Jataizinho. Ele constatou que independente do tamanho da cidade, da localização ou dos espaços públicos, em todas elas estão presentes novos hábitos urbanos baseados nas práticas esportivas e mais cuidados no que diz respeito à saúde e qualidade de vida.

Corneli (2013), que pesquisou as pequenas cidades da microrregião de Campo Mourão (PR)<sup>9</sup>, afirmou que nos grandes centros a praça é, em sua maior parte, administrada como um dos elementos estruturador do fluxo urbano, indo contra a ideia de espaço social e de lazer. Porém, o que acontece nas pequenas e médias cidades em relação ao uso das praças? Nas pequenas cidades foi constatada a função mais antiga da praça, a ágora grega que De Angelis et al. (2004) e Caldeira (2007) comentam. É o local de encontro, de sociabilização, de ver e ser visto tendo sua intensidade de frequentadores de acordo com o nível de manutenção e conservação. Ribeiro (2010) destaca que nas pequenas cidades a praça ainda apresenta uma simbologia e a centralidade da vida urbana. Ela funciona como espaço de lazer, de encontro e para um simples passeio ao redor da pracinha, assim como acontece em Sorriso (MT). Contudo, Bortolo (2015) alerta que todas essas características encontradas nas pequenas cidades ainda podem ser encontradas em cidades maiores. O que foi observado por esse autor é que as práticas encontradas em cidades maiores como Londrina, Rolândia e Cambé são parecidas às constatadas em cidades de menor porte como é o caso de Jataizinho e Ibiporã.

Caldeira (2007) comenta que as praças modernas se caracterizam por disporem de estruturas para o lazer ativo com equipamentos para público diverso em seu espaço, e Bortolo (2015) afirma que os usos dessas estruturas refletem em uma dinamização do ato de produzir e manter os espaços públicos em evidência na cidade atual, tendo como exemplos os usos das crianças aos finais de semana e os adultos diariamente em caminhadas ou jogos nas quadras. Os idosos frequentam as academias ao ar livre, presentes em muitas praças londrinenses, e os shows e eventos realizados nesses espaços públicos congregam a população em geral (BORTOLO, 2015, p. 205).

Foi nessa perspectiva que esse trabalho analisou se as praças são ou poderiam ser utilizadas para uma melhor qualidade de vida, em específico a Nishinomyia (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização da Praça Nishinomiya



<sup>9</sup> Os municípios foram: Peabiru, Araruna e Engenheiro Beltrão.

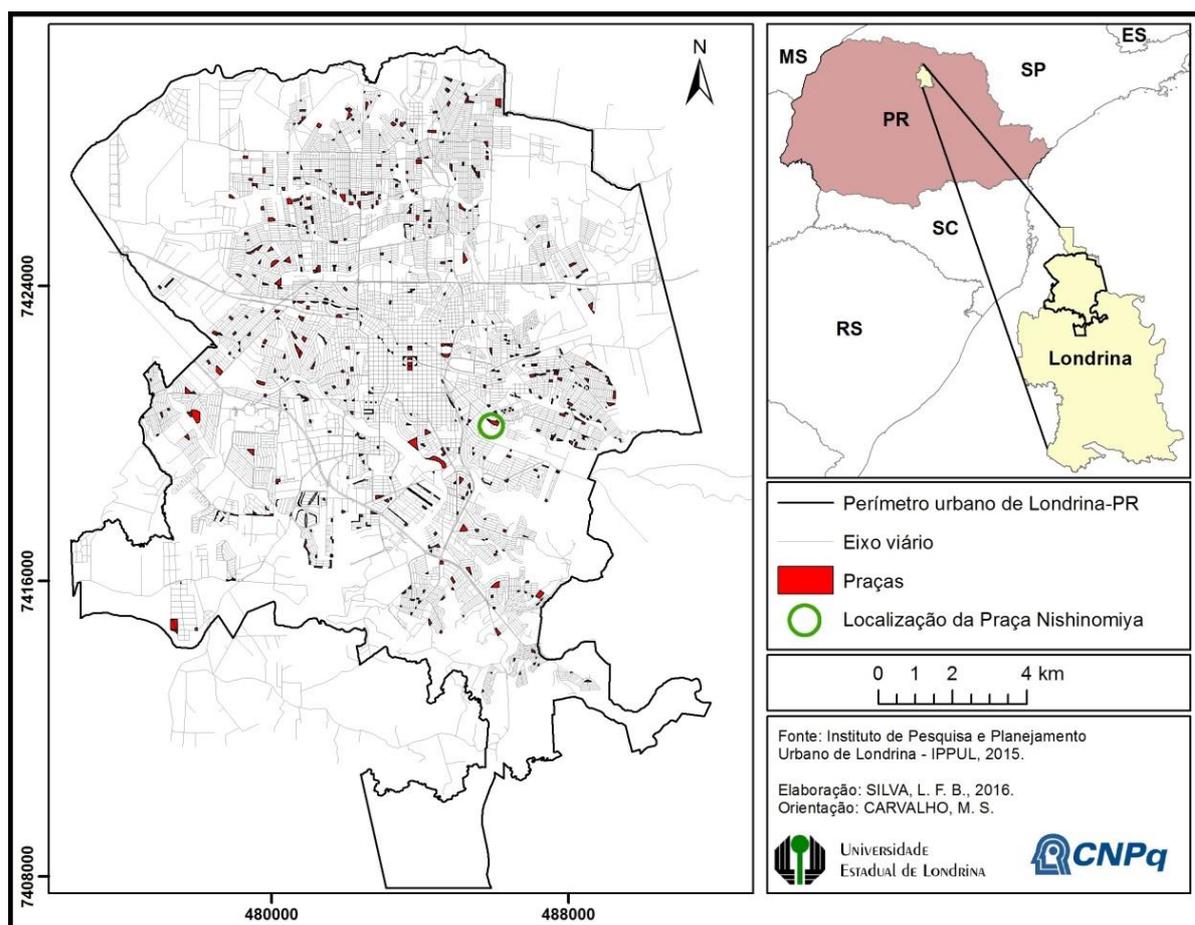
Conforme Corneli (2013), não basta entender a praça apenas como uma estrutura física, mas como um espaço destinado e ocupado pelo homem para usos e funções diversas, retomando a ideia de Caldeira (2007) a respeito do multifuncionalismo, nesse caso visando à prática de exercícios e de bem-estar mental.

Portanto, a praça propicia alguns benefícios como afirmam Viero e Barbosa Filho (2009), decorrentes tanto da vegetação que pode estar presente nelas, quanto de outros aspectos mais subjetivos como a influência positiva no plano psicológico a partir o uso desses espaços para o lazer ou para a prática de algum exercício físico. Contudo, é indiscutível o importante papel que a praça tem nas cidades por ser um espaço democrático, público e lugar de lazer, ócio e melhoria na qualidade de vida, sendo vista não apenas como um fragmento do desenho urbano, mas como um espaço em que a população pode ocupar e utilizar (DE ANGELIS et al., 2004).

## PRAÇA NISHINOMIYA

A Praça Nishinomiya foi criada pela Lei nº 8.901 - 24/09/1982 e está localizada na zona Leste (Novo Aeroporto) com uma área estimada de 12.324,90 m<sup>2</sup>, sendo uma das 760 praças da cidade de Londrina (Mapa 2) segundo o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL) em 2013.

Mapa 2 - Espacialização das Praças em Londrina (PR)



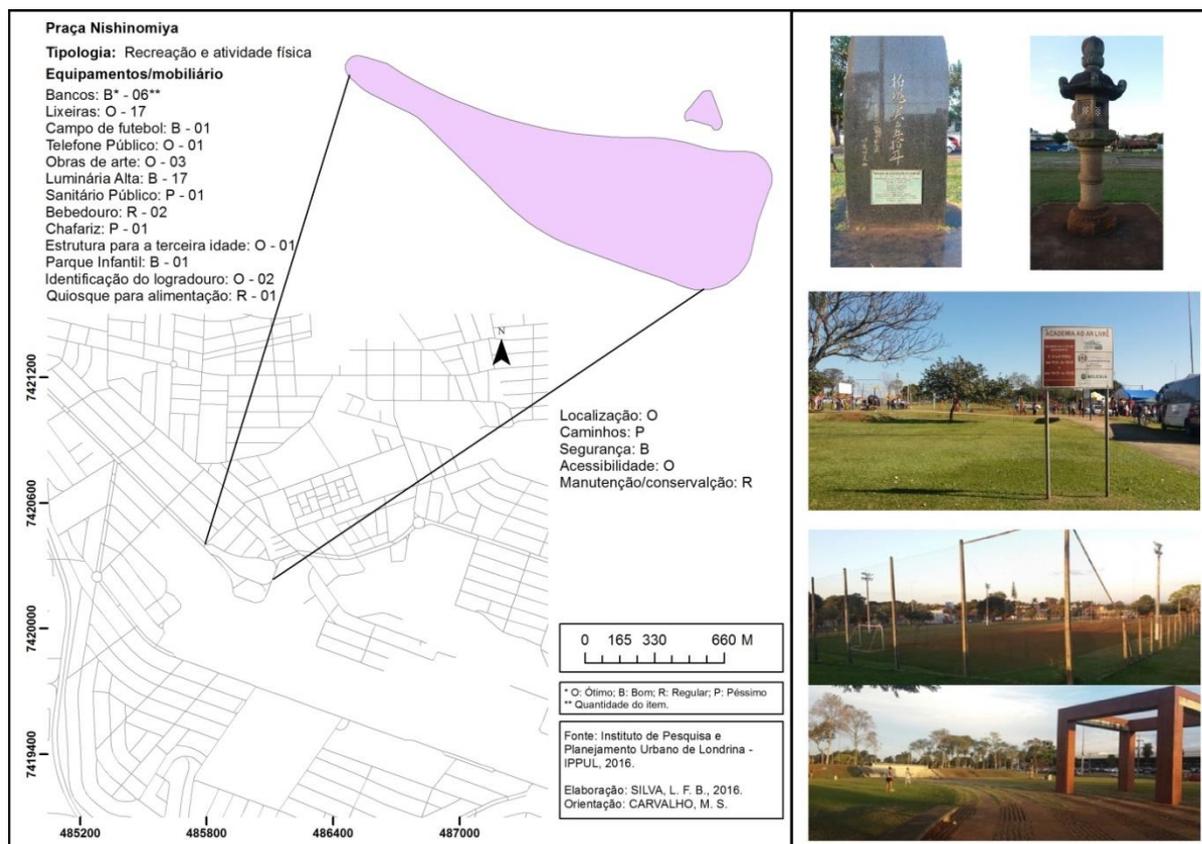
A região com o maior número de praças é a Leste com 208, seguindo de 164 na Norte, 153 na Sul, 154 na Oeste e 61 na Área Central. Para entender a interação física da Praça Nishinomiya com a

sociedade foi preciso avaliar se ela é propícia para receber a população para o lazer ou prática de exercícios físicos, daí a análise quali-quantitativa, exposta no item a seguir.

### ANÁLISE QUALIQUANTITATIVA DA PRAÇA NISHINOMIYA

Conforme a metodologia proposta por De Angelis (2000), o mapa 3 apresenta um resumo de cada equipamento e respectivas localizações. Além das observações realizadas no trabalho de campo foram utilizados alguns pontos destacados pelos entrevistados a respeito dos itens.

Mapa 3 - Localização da Praça Nishinomiya com os resultados da análise quali-quantitativa proposto por De Angelis (2000)



Fonte: Prefeitura de Londrina (2013); Dados coletados em campo (2016).  
Elaboração: "O Autor", 2016.

**Localização e entorno:** A Praça Nishinomiya está localizada em uma zona residencial na região oeste de Londrina-PR, ao lado do aeroporto da cidade. Em seu entorno existem alguns restaurantes, bares e lanchonetes. Com seu formato atual triangular, a praça foi criada com o objetivo promover atividades que permitam interações culturais entre ambas às culturas orientais e ocidentais e sua localização é considerada como ótima.

**Bancos:** Com exceção de dois bancos que ficam na AAL (instalados junto com os aparelhos e do mesmo material) os seis bancos são de concreto e não muito confortáveis. De maneira geral eles estão concentrados embaixo das árvores e um ao lado do outro, isso permite que os usuários que vão à busca do lazer e/ou encontrar os amigos possam passar grande parte do dia nesse local.

**Luminárias:** A iluminação alta é composta por 17 postes que estão distribuídos por toda a praça. Em alguns postes a iluminação é fraca ou estava com lâmpadas queimadas. Ao anoitecer aumenta a sensação de insegurança dos usuários.

**Lixeiras:** Existem 17 lixeiras de ferro distribuídas por toda a praça, ao lado dos bancos e do campo de futebol e no decorrer de toda a pista de caminhada e da AAL. Nos dias de trabalho de campo foi observado que elas permaneceram lotadas e sem o recolhimento dos rejeitos.

**Sanitário público:** O sanitário é um ponto crítico da praça, pois não existem banheiros fixos para os usuários. Uma ação realizada foi de colocar um banheiro químico feminino, porém não foi observada a sua utilização durante os dias de pesquisa na praça. A questão do sanitário público apareceu nas entrevistas quando algumas pessoas reclamaram que deveriam existir banheiros para que elas pudessem trocar de roupa após os jogos ou utilizá-lo no decorrer das atividades, visto que há um número expressivo de pessoas idosas e crianças que usam esse espaço.

**Telefone público:** Na praça há uma cabine telefônica, inspirada das cabines de Londres e o telefone está em bom estado de conservação.

**Obras de arte:** A praça dispõe de três monumentos. Por ter a simbologia da cultura japonesa, em três espaços distintos estão expostos: o marco de 50 anos da colonização e doação da cidade de Nishinomiya do Japão para Londrina e o monumento da Lanterna do templo Kasuga (no mosaico de fotos da figura 3), todos em um bom estado de conservação.

**Bebedouros:** É outro ponto crítico, pois na praça existem apenas duas torneiras localizadas em seus extremos, instaladas mais ou menos na altura do chão. Mesmo com pouca higiene algumas pessoas as utilizam por falta de opção.

**Caminhos:** Ao longo dos espaços com grama formaram-se de caminhos pela intensidade das caminhadas em função dos problemas apresentados pelas calçadas.

**Espelho d'água ou Chafariz:** O chafariz está desativado e por isso um usuário destacou ao decorrer da questão "do que poderia ser melhorado na praça" de que deveria reativá-lo por ser algo que deixa a praça mais bonita e que todos gostavam de vê-lo.

**Estacionamento:** Não há estacionamento na praça, e os automóveis ficam estacionados nas ruas ao redor. Entretanto, o estacionamento não foi apontado como um ponto crítico da praça.

**Ponto de ônibus e táxi:** O ponto de ônibus mais próximo fica em uma rua paralela à praça e no aeroporto, o mais seguro e confortável, por contar com a cobertura do aeroporto a presença do ponto de táxis.

**Campo de futebol:** O campo de futebol fica ao lado da AAL é cercado por grades e contém quatro refletores. Alguns entrevistados alegaram a existência de muitos buracos no campo, a ocorrência de ameaças feitas pelos moradores que não aceitam que as pessoas acendam os refletores, pela justificativa de quem paga a energia é a população do entorno da praça.

**Estrutura para prática de exercícios e para a terceira idade:** Existe uma AAL instalada na praça, uma entre as 71 existentes na cidade de Londrina em 2015 (CARVALHO; SILVA, 2015), e ela apresenta problemas de manutenção e conservação em todos os aparelhos. Entretanto, os aparelhos de ferro são muito utilizados por todo o público, independente de faixa etária ou sexo e desempenha um papel importante na questão da praça como um espaço para prática de exercícios físicos.

**Parque infantil:** Ao lado da AAL tem um Parque Infantil composto por cinco aparelhos de ferro nas cores vermelho, amarelo, verde e azul. Porém, o lugar em que ele está instalado não é cercado. Algumas entrevistadas que levam seus filhos nesse parque alegaram que poderiam melhorar os brinquedos e a segurança.

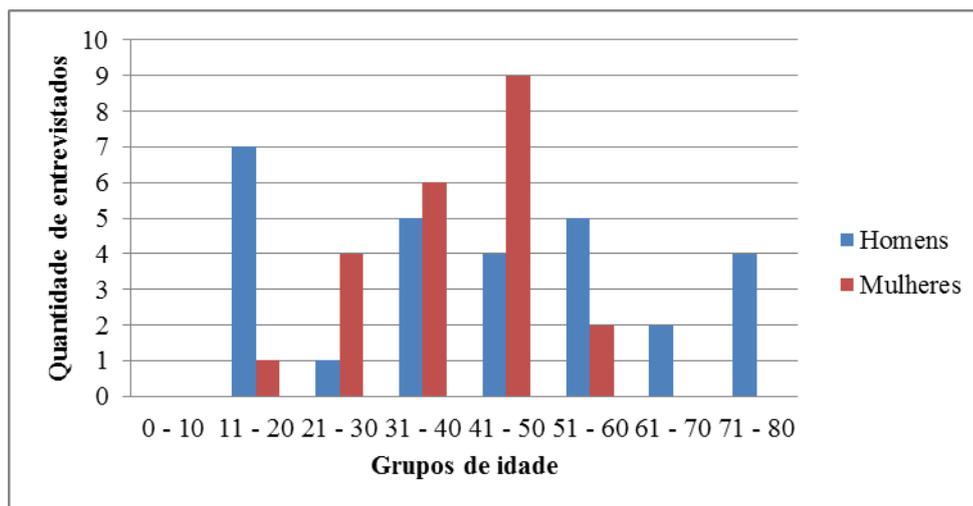
**Identificação do logradouro:** Existem duas placas simples com seu nome indicando sua localização. Por ser ao lado do aeroporto a praça também ganhou um reconhecimento da população londrinense como "a praça do aeroporto".

**Quiosque para alimentação:** A respeito de espaços para alimentação na praça, existe um trailer que funciona no período da noite, frequentado pelos usuários, o que já não acontece com os restaurantes próximos.

## ENTREVISTAS COM OS USUÁRIOS/AS DA PRAÇA NISHINOMIYA

Das entrevistas realizadas com 50 usuários da praça (28 homens e 22 mulheres), o maior número de entrevistados entre os homens estava na faixa etária dos 11 aos 20 anos. Destaque-se a prática de exercícios físicos entre as pessoas nessa faixa etária pelo fato das pesquisas apontarem que jovens sedentários se tornam adultos sedentários (LIMA et al., 2013). Entre as mulheres o maior índice foi na faixa etária dos 41 aos 50 anos com nove entrevistadas (Gráfico 1) e nenhuma na faixa de Terceira Idade.

Gráfico 1 - Entrevistados (as) por grupos de idades



Fonte de dados: Coletados em campo.  
Elaboração: "O Autor", 2016

No grau de escolaridade entre homens e mulheres, o maior percentual tinha o ensino médio completo (47% dos homens e 50% das mulheres), seguido do ensino superior e o ensino fundamental.

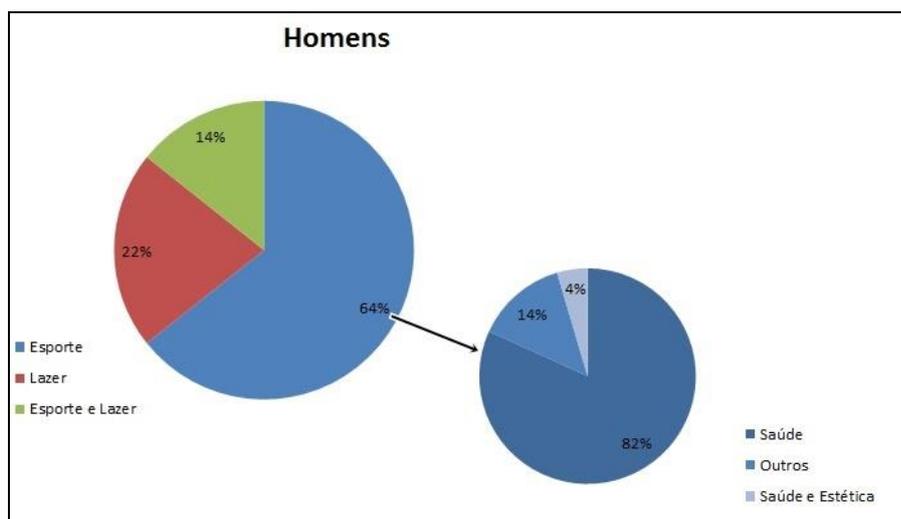
Em relação à frequência, entre os homens o maior número de entrevistados (10 usuários) disse ir todos os dias, já entre as mulheres a opção de ir de vez em quando, sem uma frequência definida, foi a mais respondida. Em geral, os entrevistados destacaram ter pouco tempo de ócio e descanso, porém buscavam frequentar a praça pelo menos três vezes na semana para a prática de exercícios. Já os usuários que vão de maneira espontânea geralmente não moravam perto da praça e iria mais como forma de lazer para levarem seus filhos (as) ao parque infantil, soltar pipa, jogar bola ou para passearem.

A respeito dos tipos de usos, 64% dos homens disseram utilizar a praça para a prática de esportes e de exercícios, 22% para o lazer e 14% afirmaram usar em ambos os tipos (Gráfico 2).

Dentre as respostas que envolveram a prática de esportes e exercícios 82% elencaram fazer esse uso "pensando na saúde" e 14% "pensando tanto na saúde quanto na estética". Os 4% registrados como "outros" são porque esses usuários consideram a prática apenas como hobby.

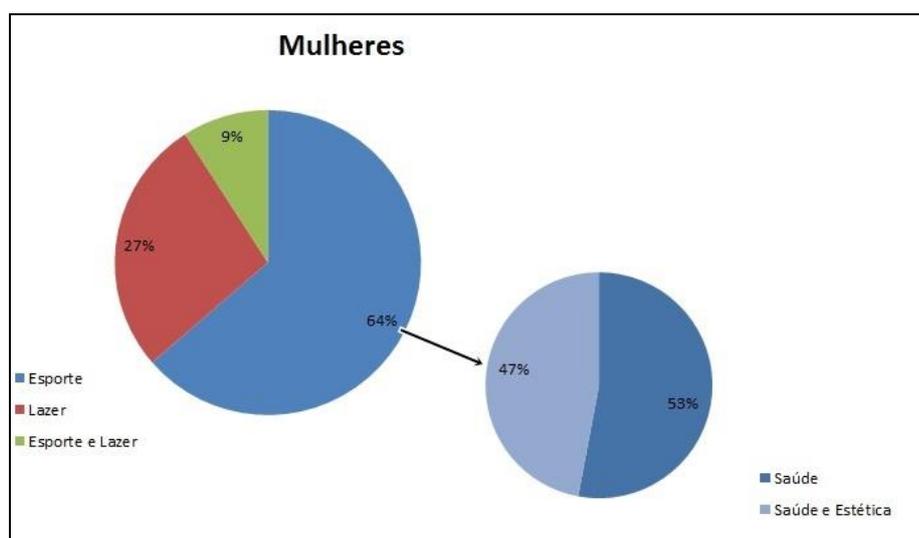
O percentual entre as mulheres se repete em relação aos 64% dos homens entrevistados que utilizam a praça para a prática de exercícios físicos e esportes (Gráfico 3). Entretanto, o percentual de mulheres que vão por lazer (27%) é maior do que o apresentado entre os homens. E 9% disseram que vão até a praça para ambas as finalidades. Entre as que afirmaram praticar esportes e atividades físicas na praça, 53% justificaram esse uso pensando na saúde e na melhoria da qualidade de vida e 47% elencaram tanto a importância para a saúde quanto para a estética.

Gráfico 2 - Tipos de uso entre os homens



Fonte de dados: Coletados em campo.  
Elaboração: "O Autor", 2016

Gráfico 3 - Tipos de uso entre as mulheres



Fonte de dados: Coletados em campo.  
Elaboração: "O Autor", 2016

Entre os homens e as mulheres alguns usos se repetiam, por exemplo, caminhar, correr, parque infantil com filhos (as), uso da Academia ao Ar Livre, piquenique e apenas passear. Porém, a única funcionalidade que foi constatada apenas entre os homens foram os usos no campo de futebol.

Alguns estudos constataram que a manutenção, conservação, a segurança e a acessibilidade dos espaços públicos são elementos que interferem na frequência de uso, daí os entrevistados (as) terem sido questionados a esse respeito. No que tange à segurança, 36% dos homens se sentiram seguros na praça em relação 26% das mulheres. As pessoas que não se sentiam seguras na praça já tinham presenciado assaltos e uso de drogas, devido à falta de policiamento e ocasiões em que não houve troca das lâmpadas queimadas.

Já a acessibilidade foi uma questão apontada apenas por 2% das mulheres e 10% dos homens entrevistados acharam as vias ao redor da praça muito perigosas pelo movimento constante de carros e pelos buracos nos caminhos da praça para pessoas idosas e crianças.

A manutenção/conservação foi um quesito que apresentou mais equilíbrio tanto entre os homens quanto entre as mulheres. A maior parte dos entrevistados (31% homens e 24% mulheres) afirmou que a praça está “bem cuidada” em relação há alguns anos, já que o gramado está sempre cortado e não viram maiores problemas. Os insatisfeitos (as) alegaram a falta de pintura, reparos nos equipamentos do Parque Infantil e da AAL – e principalmente melhoria nas calçadas.

Para melhorar as condições de manutenção e conservação dos espaços públicos de Londrina, a Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização (CMTU) lançou o projeto “Boa Praça!” (LONDRINA, 2016) que permite tanto uma empresa quanto um cidadão (ou grupos de empresa e de pessoas) a “adoção” de uma praça, canteiro, jardim, parque ou outra área. A Praça Nishinomiya está cadastrada nesse projeto, porém ainda não foi escolhida por nenhum cidadão ou empresa.

A falta de manutenção das calçadas foi citada no que poderia ser melhorado na praça um número considerável de respostas utilizadas provavelmente pelos que fazem caminhadas. As reclamações dos usuários variaram entre a falta de espaço, os buracos e sua proximidade ao fluxo de carros. Sendo assim, grande parte das pessoas utiliza o gramado da praça para fazer suas caminhadas pela baixa caminhabilidade das calçadas.

Com base o trabalho de Rutzel et al. (2007) ao determinar as características dos passeios a partir de como a qualidade e tamanho podem implicar no fluxo dos pedestres, foram elencados três aspectos para um ambiente ideal, sendo eles: a fluidez, o conforto e a segurança.

Uma calçada com fluidez apresenta largura e espaço livre compatíveis com os fluxos de pedestres, que conseguem andar com velocidade constante. Em relação à fluidez existe o conceito técnico de nível de serviço para calçadas, com definição de vários níveis de fluidez e, ainda, conforto. Uma calçada com conforto apresenta um piso liso e antiderrapante, mesmo quando molhado. O piso é quase horizontal, com declividade transversal para escoamento de águas pluviais de não mais de 2%. Não há descontinuidades, tipo degrau, buracos. Não há obstáculos dentro do espaço livre ocupado pelos pedestres, obrigando-os a desviar do seu caminho. Uma calçada com segurança não oferece aos pedestres nenhum risco de queda ou tropeço (RUTZ et al., 2007, p. 6).

Analisando as calçadas da praça junto com as entrevistas com os usuários é possível destacar que elas não apresentam nenhuma dessas três características, pois são muito estreitas para o fluxo de pessoas que estão caminhando, sem conforto. Em determinados lugares estão com buracos e rachaduras e também sem segurança, tanto pelo estado de conservação que se encontra quanto por estarem perto do fluxo de carros.

Outros problemas foram citados pelos (as) entrevistados (as). Três educadores físicos particulares que dão aulas de preparo físico e/ou ginástica e suas alunas reclamaram das lâmpadas queimadas que dificultam as aulas ao anoitecer, e que apesar de já terem feito a solicitação para o reparo, ele não tinha sido feito. Outros usuários disseram que em alguns espaços, pela iluminação precária, ocorre às vezes o uso de drogas. A infraestrutura em si também poderia ser melhorada nos bancos, no parque infantil, no campo e na AAL. Um entrevistado disse que poderiam reativar o chafariz, pois é um elemento que deixa a praça mais atrativa e bonita. Outras reivindicações disseram respeito à limpeza da praça e a necessidade de um banheiro que não fosse.

Ainda pautado no perfil dos entrevistados (as), e não mais em relação ao uso da praça, eles foram questionados se costumavam trocar alguma refeição por doces, salgados e lanches, o que aconteceu com 45% das mulheres e 50% dos homens. Pode-se constatar que entre os entrevistados (as) que afirmaram fazer essa substituição estavam os mais jovens.

Essa substituição é uma mudança no padrão alimentar no Brasil (BLEIL, 1998), simbolizado pela difusão global do consumo do hambúrguer e da Coca-Cola® deão trocar o consumo dos alimentos mais tradicionais, como o feijão e a farinha de mandioca, pelos alimentos industrializados e os fast-food.

Ressalta-se, a partir das entrevistas, que essa troca de refeições por lanches, salgados e doces esteve mais presente entre os usuários mais jovens. E no que isso pode implicar? Se analisadas as principais causas de morte de Londrina-PR por grupo de causas (CAP CID 10) nos últimos anos pode-se concluir que o hábito alimentar e a vida sedentária têm influenciado muito nesses índices se

considerarmos que essas duas causas estão relacionados com as doenças do aparelho circulatório e as doenças endócrinas nutricionais e metabólicas.

Em números percentuais as doenças do aparelho circulatório diminuíram 0,2% e as doenças endócrinas nutricionais e metabólicas 4,6% de 2013 para 2015, mas elas ainda apresentam um número total muito expressivo nas principais causas de mortes do município de Londrina (PR).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer das leituras realizadas foi possível analisar as transformações que a praça brasileira passou por mudanças no tipo e na sua dinâmica no decorrer dos anos, tanto na pequena quanto na média ou grande cidade. Entre as várias funções e usos que praças assumiram, a Praça Nishinomiya se destaca numa função importante para a qualidade de vida da população londrinense, tanto pelo lazer, pois a socialização e a distração são elementos essenciais para uma boa saúde mental, entendendo que a saúde não é apenas físico, quanto para a prática de exercícios físicos por meio da AAL, da pista de caminhada e o campo de futebol.

Mesmo Londrina apresentando características de uma cidade sede de área metropolitana, foi possível observar que os tipos de usos da praça constatados nas pequenas cidades. Por exemplo, dar uma volta na “pracinha” e se sentar embaixo das árvores está presente na Praça Nishinomiya. Alguns usuários destacaram que pelo movimento, beleza e conforto que a praça dispõe, ela se tornou um ótimo espaço para passar algumas horas do dia.

Essa pesquisa mostrou como a praça, além de um espaço de socialização, pode ofertar opções para uma boa qualidade de vida. Por isso ela pode ser uma boa ferramenta nas ações de políticas públicas de saúde, assim como foi analisado por Carvalho e Silva (2015) no papel de alguns educadores físicos do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) que desempenham seus serviços utilizando algumas Academias ao Ar Livre da cidade. Porém, não foi constatada nenhuma atividade desenvolvida pela Unidade Básica de Saúde (UBS) nessa área ou outro tipo de serviço público semelhante na praça. O que foi possível destacar foi o uso por três educadores físicos particulares e suas alunas nas aulas de condicionamento e exercícios físicos nesse espaço.

A baixa caminhabilidade, mesmo sendo um ponto crítico da praça, não se apresenta como uma barreira para o seu uso pelas. Porém, como pode ser visto nas respostas das entrevistas os frequentadores gostariam que as calçadas fossem reformadas para melhoria de suas atividades. Dessa forma, a praça é um espaço público dentro da cidade com potencialidades para vários tipos de usos, e que merece ações do poder público para melhorias em manutenções e infraestruturas.

## Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Bolsa IC-PIBIC), pelo suporte financeiro do projeto e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Siqueira de Carvalho pelas orientações e apoio ao decorrer de toda a pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BENINI, Sandra Medina; MARTIN, Encarnita Salas. Decifrando as áreas verdes públicas. **Revista formação (Online)**, Presidente Prudente, v.2, n.17, p. 63-80. 2010.

BLEIL, Susana Inez. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Cadernos de Debate**, São Paulo: NEPA/UNICAMP, v. 6, p. 1-25, 1998.

BORTOLO, Carlos Alexandre de. Do espaço produzido ao espaço consumido: a produção e apropriação do entorno do Lago Igapó – Londrina – PR. **Geografia em Atos (Online)**, Presidente Prudente, v. 2, n. 10, p. 35-53, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. A produção dos espaços públicos e a cidade: o caso do Lago Igapó em Londrina – PR. **GeoUECE**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 29-49, jan./jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica dos espaços públicos de lazer em cidades da aglomeração urbana de Londrina-PR**. 2015. 214 fls. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2015.

BRASIL. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060203>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Carta de Ottawa**. 1986. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf)>. Acesso em: 07 mar 2015.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 2010. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_promocao\\_saude\\_3ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf)>. Acesso em: 05 mar 2015.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A praça brasileira: Trajetória de um espaço urbano- Origem e modernidade**. 2007. 434 fls. Tese (doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007.

CALSAVARA, Fábio. **Mesmo numerosos, espaços públicos têm pouca visitação por falta de segurança**. 2013. Disponível em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/londrina/conteudo.phtml?tl=1&id=1421861&tit=Mesmo-numerosos-espacos-publicos-tem-pouca-visitacao-por-falta-de-seguranca>> Acesso em: 18 maio 2015.

CARVALHO, Marcia Siqueira; SILVA, Lucas Fernando Bertacco. **Academias ao Ar Livre na cidade de Londrina**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA DA SAÚDE-GeoSaúde, 7, 2015, Brasília/DF. **Anais...** Brasília: UnB, 2015. p. 1039-1049.

CORNELI, Vanessa Medeiros. **A praça no contexto de pequenas cidades da microrregião de Campo Mourão-PR**. 2013. 308 fls. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2013.

COSTA NETO, Pedro Luiz de Oliveira. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977. 264 p.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. **A praça no contexto das cidades: O caso de Maringá-PR**. 2000. 367 fls. Tese (doutorado em Geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; DE ANGELIS NETO, Generoso; DE CASTRO, Rosana Miranda. **Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil**. **Revista Engenharia Civil UM**, Guimarães/Portugal, v. 20, n. 1, p. 57-70, maio 2004.

FREIRE, Rose Héliida Astolfo. **A praça e a cidade: O caso de Paranavaí-PR**. 2012. 146 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2012.

GHIDINI, Roberto. **A caminhabilidade: medida urbana sustentável**. **Revista dos Transportes Públicos** - ANTP - Ano 33 - 2011 - 1º quadrimestre. p.21-33. Disponível em: <[http://files-server.antp.org.br/\\_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/01/10/CF0ED9C9-0025-4F55-8F7C-EDCB933E19C4.pdf](http://files-server.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/01/10/CF0ED9C9-0025-4F55-8F7C-EDCB933E19C4.pdf)> Acesso em 17 ago. 2016.

GUIMARÃES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amado; LIMA, Samuel do Carmo. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia (MG). Assis Editora, 2014.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Espaços Públicos: Um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2012. p. 19-41.

FREIRE, Rose Héliida Astolfo. **A praça e a cidade: O caso de Paranavaí-PR**. 2012. 146 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2012.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Atenas**. 1933. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

LONDRINA. Secretaria Municipal de Saúde. **Relatório Anual de Gestão da Saúde 2015**. Londrina, 2015. 148 p.

MACEDO, Sílvio Soares; CUSTÓDIO, Vanderli; QUEIROGA, Eugênio; ROBBA, Fabio; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena. **Os sistemas de espaços livres da cidade contemporânea brasileira e a esfera de vida pública – considerações preliminares**. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideu-Uruguaí. **Anais...** Montevideu, 2009. p. 1-12.

MARTINS, Saádia Maria Borba. **Impactos no uso das cidades: a violência no uso dos espaços públicos de Londrina – PR (Zerão, Igapó I e Igapó II)**. 2011. 75f. Dissertação (Mestrado em Geografia Dinâmica Espaço Ambiental) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

\_\_\_\_\_. Medo e insegurança nas cidades: a violência no uso dos espaços públicos. **Revista de Direito da Cidade**, v. 5, n. 2, p. 206-227, 2013.

NOBRE, Moacyr Roberto Cucê. Qualidade de vida. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 4, p. 299-300, 1995.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri de; MASCARÓ, Juan José. Análise da qualidade de vida urbana sob ótica dos espaços públicos de lazer. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.7, n.2, p. 59-69, abr/jun. 2007.

RIBEIRO, Zenilda Lopes. As praças como espaço de lazer em Sorriso-MT. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ENG, 2010. 1-10.

RICARDO, Carolina de Matos; SIQUEIRA, Paloma Padilha; MARQUES, Cristina Redivo. Estudo Conceitual sobre os espaços urbanos seguros. **Revista brasileira segurança pública**, São Paulo, v.7, n.1, p. 200-216, fev/mar. 2013.

RUTZ, Newton; MERINO, Emilio; DO PRADO, Fabio Hauagge. Determinação do índice de caminhabilidade urbana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TRANSPORTE E TRÂNSITO, 16., 2007, Maceió. **Anais...**São Paulo: Associação Nacional de Transportes Públicos, 2007. p. 1-10.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed.8reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2014.

VIERO, Verônica Crestani; BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. Praças públicas: Origem, conceitos e funções. In: JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO, 2009, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: ULBRA, 2009. 1-3.

WIKIMÁPIA. **Praça Nishinomiya (Londrina)**. 2015. Disponível em: <  
<http://wikimapia.org/2364733/pt/Pra%C3%A7a-Nishinomiya>>. Acesso em: 01 jun 2015.